

A FALTA DE HABITUALIDADE COM AS REGRAS DO JOGO DA VIDA COTIDIANA NA ESQUIZOFRENIA: SOBRE A PERDA DA EVIDÊNCIA NATURAL EM WOLFGANG BLANKENBURG

The lack of habituality with the rules of the game in schizophrenia: On the loss of natural evidence in Wolfgang Blankenburg

La falta de habitualidad con las reglas del juego en la esquizofrenia: Sobre la pérdida de la evidencia natural en Wolfgang Blankenburg

JORDY SARTORI TAMURA
GUILHERME PERES MESSAS

Resumo: O presente artigo busca reconstruir o argumento de Wolfgang Blankenburg, que caracteriza a experiência da esquizofrenia como uma falta de habitualidade em relação às regras do jogo da vida cotidiana. Em sua obra *A perda da evidência natural: uma contribuição à psicopatologia oligossintomática da esquizofrenia*, Blankenburg explora o caso clínico de Anne Rau, uma paciente que descreve sua dificuldade em reconhecer e seguir as “regras do jogo” que constituem a vida cotidiana, referindo-se a essa experiência como uma “perda da evidência natural”. Utilizando os conceitos heideggerianos de “conjuntura” e “contexto remissivo”, formulados em *Ser e Tempo*, este artigo realiza uma análise fenomenológica da relação de Anne Rau com essas regras. A ausência de habitualidade com as regras do jogo da vida cotidiana se manifesta em uma aparente falta de tato, comportamentos percebidos como estranhos e uma desorganização evidente em suas ações e discurso. Para compensar essa falta de habitualidade, Anne Rau recorre a um esforço reflexivo excessivo, o que dificulta até as situações mais simples.

Palavras-chave: Esquizofrenia; Fenomenologia; Psicopatologia; Martin Heidegger

Abstract: The present article seeks to reconstruct Wolfgang Blankenburg's argument that characterizes the experience of schizophrenia as a lack of habituality regarding the rules of the game of everyday life. In his work *The Loss of Natural Evidence: A Contribution to the Psychopathology of Oligosymptomatic Schizophrenia*, Blankenburg explores the clinical case of Anne Rau, a patient who describes her difficulty in recognizing and following the “rules of the game” that constitute everyday life, referring to this experience as a “loss of natural evidence.” Using Heideggerian concepts of “affordance” and “referential context”, formulated in *Being and Time*, this article conducts a phenomenological analysis of Anne Rau's relationship with these rules. The lack of habituality with the rules of the game of everyday life manifests itself in an apparent lack of tact, behaviors perceived as strange, and evident disorganization in her actions and speech. To compensate for this lack of habituality, Anne Rau resorts to an excessive reflexive effort, making even the simplest situations difficult.

Key-words: Schizophrenia; Phenomenology; Psychopathology; Martin Heidegger

Resumen: El presente artículo busca reconstruir el argumento de Wolfgang Blankenburg, que caracteriza la experiencia de la esquizofrenia como una falta de habitualidad en relación con las reglas del juego de la vida cotidiana. En su obra *La pérdida de la evidencia natural: una contribución a la psicopatología oligossintomática de la esquizofrenia*, Blankenburg explora el caso clínico de Anne Rau, una paciente que describe su dificultad para reconocer y seguir las “reglas del juego” que constituyen la vida cotidiana, refiriéndose a esta experiencia como una pérdida de la “evidencia natural”. Utilizando los conceptos heideggerianos de “condición respectiva” y “entramado remitivo”, formulados en *Ser y tiempo*, este artículo realiza un análisis fenomenológico de la relación de Anne Rau con estas reglas. La falta de habitualidad con las reglas del juego de la vida cotidiana se manifiesta en una aparente falta de tacto, comportamientos percibidos como extraños y una desorganización evidente en sus acciones y discurso. Para compensar esta falta de habitualidad, Anne Rau recurre a un esfuerzo reflexivo excesivo, lo que dificulta incluso las situaciones más simples.

Palabras-clave: Esquizofrenia; Fenomenología; Psicopatología; Martin Heidegger

A obra *A perda da evidência natural: uma contribuição à psicopatologia oligossintomática da esquizofrenia* (*Der Verlust der natürlichen Selbstverständlichkeit: Ein Beitrag zur Psychopathologie symptomarmer Schizophrenien*), de autoria de Wolfgang Blankenburg, consiste de uma investigação fenomenológica do fenômeno da esquizofrenia, algo também levado a cabo por autores como Eugène Minkowski e Ludwig Binswanger (Tamura & Messas, 2023). Blankenburg é um autor de grande envergadura na tradição da psicopatologia fenomenológica, mas pouco conhecido do público brasileiro.

O autor destaca que as investigações fenomenológicas e analítico-existenciais sobre a esquizofrenia têm se concentrado principalmente no fenômeno do delírio, negligenciando manifestações com sintomas menos evidentes, como a esquizofrenia simples e a hebefrenia. Afinal, nem toda esquizofrenia apresenta delírios, e para investigar sua essência, é necessário entender manifestações clínicas nas quais tais delírios não estão presentes.

Para examinar aquilo que chama de manifestações oligossintomáticas (*symptomarmer*) da esquizofrenia, Blankenburg descreve um caso clínico de uma paciente chamada Anne Rau. Anne relata sua experiência, mencionando a falta do que ela chama de “evidência natural” (*natürlichen Selbstverständlichkeit*). A análise levada a cabo por Blankenburg tem como referência as estruturas transcendentais fenomenológicas. As quatro subseções do capítulo VIII de seu livro procuram descrever quatro estruturas distintas, sendo elas: A) a dimensão espacial, B) a dimensão temporal, C) a ipseidade e D) a intersubjetividade da experiência da perda da evidência natural.

A proposta do presente artigo é, portanto, expor a análise de Blankenburg presente na subseção A do capítulo VIII, intitulada “*Das Weltverhältnis*” (Blankenburg, 2012, p. 102); Otto Dörr e Elvira Edwards traduzem tal expressão como “*la relación con el mundo*” (Blankenburg, 2013). Nela, o autor transcreve uma fala de Anne:

Toda pessoa deve saber como se comporta, tem um caminho, uma forma de pensar. Seu comportamento, sua humanidade, sua sociabilidade, todas essas regras de jogo que ela cumpre, todas elas não podia reconhecê-las de forma clara. Me faltavam os fundamentos (*Grundlagen*). Não era possível. Pois tudo se constrói sobre o que vem antes.¹ (Blankenburg, 1971/2013, p. 181, tradução nossa)

O autor se detém na expressão “*Spielregeln*”

¹ Versão em espanhol: “Toda persona debe saber cómo se comporta, tiene un camino, una forma de pensar. Su comportamiento, su humanidad, su sociabilidad, todas estas reglas de juego que ella cumple, todas ellas no podía reconocerlas en forma clara. Me faltaban los fundamentos y entonces la cosa no andaba, porque todo se construye lo uno sobre lo otro” (Blankenburg, 1971/2013, p. 181).

(Blankenburg, 1971/2012, p. 103) na mencionada subseção. O problema que dá origem à obra de Blankenburg aborda a exata natureza da alteração da inserção do ser humano no mundo da vida² que ocorre na esquizofrenia. A resposta para esse problema passa pelo modo como a pessoa com esquizofrenia lida com as mencionadas “regras do jogo”: enquanto na vida cotidiana há um modo característico de se orientar em relação a elas, na perda da evidência natural há uma transformação característica.

Blankenburg (1971/2013, p. 182) aponta que são justamente as regras do jogo, pressupostas na vida cotidiana e compartilhadas com outros, que se alteram na esquizofrenia. Podem ocorrer comportamentos caracterizados por uma falta de tato e certa inadequação, muitas vezes confundidos com uma brincadeira. No início, em sua manifestação prodromica³, esses comportamentos podem se manifestar de maneira inofensiva, mas é possível observar também uma transformação súbita para uma alienação psicótica.

Ao tornar possível a descrição, o autor faz menção às noções heideggerianas de *Bewandtnis* e *Verweisungszusammenhang*. No *Cambridge Heidegger Lexicon*, a expressão *Bewandtnis* é traduzida como *affordance* (Wrathall, 2021, p. 31) e *Verweisungszusammenhang* como *referential context* (White, 2021, p. 188). No presente trabalho, optou-se pelas expressões “conjuntura” e “contexto remissivo”. Através dessas noções, o autor descreve a natureza da relação originária com o espaço, distinto da concepção de espaço da Física.

O presente artigo reconstrói o argumento de Blankenburg a respeito da constituição da espacialidade na perda da evidência natural, delimitando o papel da fenomenologia e da noção de regras do jogo na análise do psiquiatra. Trata-se de uma análise hermenêutica da obra *A perda da evidência natural: uma contribuição à psicopatologia oligossintomática da esquizofrenia*. Para descrever a alteração na relação com as regras do jogo que caracteriza a esquizofrenia, o presente artigo é dividido em quatro partes: 1) serão expostos os existenciais heideggerianos mencionados por Blankenburg na subseção A; 2) será discutida a noção de “descarrilamento”, também mencionada na referida subseção; 3) será reconstruído o argumento de que a esquizofrenia é caracterizada pela falta de habitualidade com as regras do jogo da vida cotidiana; e 4) de que modo se dá a compensação dessa falta.

² Há uma dificuldade por parte do autor em expressar adequadamente o que seja o *mundo da vida*, de modo que é mais comum em seus textos definições negativas desse conceito: por exemplo, que o mundo da vida consiste na experiência em seu âmbito pré-teórico, ou seja, sem a mediação de uma reflexão teórica determinada. Em uma passagem do *Crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à filosofia fenomenológica*, Husserl (1936/2012) define mundo da vida nos seguintes termos: “o solo permanente de validade, uma fonte constantemente pronta de obviedades a que recorreremos sem mais, como homens práticos ou como cientistas” (p. 99).

³ Ou seja, fase que precede a crise. Pode durar meses ou anos.

Conjuntura e Contexto Remissivo

Em *Ser e Tempo*, Martin Heidegger faz menção ao ente utensílio para falar daquilo que ele chama de utensiliaridade (*Zuhandenheit*). Compreender martelo implica mais em saber martelar e menos em uma constatação de suas propriedades; quanto mais domínio a pessoa tem sobre o martelar, mais ele ocorre de maneira irrefletida, ou seja, menos é necessário refletir consigo mesmo sobre quais movimentos fazer e de que modo os fazer (Heidegger, 1927/2012, p. 207-221). É possível pensar o processo de aprender a tocar um instrumento musical através dessa mesma dimensão operativo-prática: se nas primeiras vezes há uma dificuldade na lida com o instrumento, conforme a pessoa se torna um bom instrumentista, mais o tocar ocorre de maneira irrefletida. Nesses casos, refletir demais pode atrapalhar o agir, por interromper sua fluidez (Merleau-Ponty, 1945/2018).

O autor afirma que “um utensílio nunca ‘é’ isolado” (Heidegger, 1927/2012, p. 211), mas ele essencialmente é “algo para” (*um zu*) (Heidegger, 1927/2012, p. 211). O utensílio implica uma finalidade (*Wozu*): um aspecto essencial do martelo é a sua capacidade de martelar. No entanto, cada uma das finalidades do utensílio remete às outras: o martelo é útil na construção de uma casa, que, por sua vez, é útil enquanto habitação, que, por sua vez, é útil para a proteção pessoal e, assim por diante. Do mesmo modo, toca-se um instrumento com uma finalidade, seja a realização de um show ou uma aula de música no colégio, o que remete a outras finalidades. Uma maçã é para comer ou para servir de modelo para uma pintura. Além disso, posso comer uma maçã por gostar de seu sabor ou para realizar uma dieta; do mesmo modo, posso realizar uma pintura de uma maçã em uma prova de artes ou para decorar a minha casa, e assim por diante. A noção de contexto remissivo (*Verweisungszusammenhang*) diz respeito justamente a essa cadeia de remissões, um dos momentos estruturais da constituição do mundo em seu caráter aperceptivo.

Ainda que Heidegger faça menção à noção de *Dasein*, em vez de eu transcendental, suas contribuições enfatizam um caráter operativo-prático, e não contemplativo teórico, enquanto forma mais originária de intencionalidade. Não que Husserl entendesse a intencionalidade enquanto uma mera contemplação e racionalização dos fenômenos que surgem à consciência, seu horizonte de análise é um âmbito pré-teórico e, portanto, ele não ignora essa dimensão prática (Saito, 1991). O reconhecimento da dimensão operativo-prática da intencionalidade é imprescindível para a constituição da fenomenologia em seus mais diversos autores.

Heidegger admite outras formas de remissão, além daqueles referentes ao *para algo*. Para ilustrá-las, ele realiza uma descrição fenomenológica do sinal (*Zeichen*) (Heidegger, 1927/2012, p. 231-249). O

sinal não é inteligível apenas nele mesmo, mas só faz sentido em referência ao conjunto de outros sinais. O exemplo dado pelo autor é a seta do carro, que não é compreensível isoladamente, mas em referência ao carro que se dirige, às faixas da avenida em que o veículo se locomove etc. Do mesmo modo, há determinados objetos para levar ao piquenique, como a geleia, a manteiga, o garfo, a faca e mesmo a maçã, mas não outros, como uma borracha, uma régua ou um celular (Casanova, 2017). Não é necessária uma análise minuciosa para concluir que a maçã é conveniente de ser levada ao piquenique, mas um capacete de astronauta, não. Esse exemplo revela que a série de remissões não indica apenas a finalidade do utensílio, mas também outros aspectos dele.

De acordo com o autor, nossa relação primária com o mundo não se dá a partir do conjunto de substâncias isoladas com determinadas medidas geométricas, mas em uma totalidade conjuntural; do mesmo modo, não se dá através de inspeção das propriedades de cada uma dessas substâncias, mas em uma lida prática. Em outras palavras, não nos relacionamos primariamente com o mundo teoricamente, mas de maneira ocupada. A concepção de espaço da Física não corresponde ao nosso acesso originário ao espaço. O caráter de substância do martelo vem à tona quando ele quebra: na medida em que ele se revela não utilizável, realizo uma inspeção de suas propriedades físicas, por exemplo, da corrosão de seu suporte. No entanto, mesmo essa inspeção se dá em função de uma lida utensiliar: inspeciono a corrosão do suporte do martelo, pois ele me impede de realizar minhas atividades; nessa inspeção, posso achar um modo de corrigir o dano no martelo para voltar a martelar.

Nesse sentido, *contexto remissivo* deve ser compreendido como o conjunto de remissões que torna possível a compreensão de algo. É impossível compreender um objeto como um martelo e, ao mesmo tempo, ignorar absolutamente o contexto remissivo que o constitui. Se eu não conheço prego, eu tenho uma compreensão incompleta de martelo. Do mesmo modo, compreender martelo implica compreender em que circunstâncias faz sentido usá-lo para determinada finalidade. Usar o martelo para pregar um quadro na parede é algo que pode ser interrompido quando meu filho começa a chorar e precisa de meu suporte de maneira urgente. Minkowski (1927/1989, p. 104) usa justamente esse exemplo para ilustrar a noção de debilidade pragmática que caracteriza a esquizofrenia: no caso, o sujeito em questão não interrompeu o uso do martelo, mesmo diante de algo mais urgente que solicitava a sua atenção. Desse modo, *conjuntura* diz respeito justamente às possibilidades de determinado utensílio que foram viabilizadas pelo contexto remissivo no qual está inserido, além de ter o potencial de mobilizar o *Dasein* em determinada direção. Na cena descrita acima, o aspecto conjuntural se constitui de tal forma que o martelar pas-

saria a não ser prioridade para a maioria das pessoas, mas, sim, dar suporte ao filho.

Está em jogo, nessa formulação heideggeriana, uma concepção de espaço distinta do paradigma das ciências naturais, onde este é entendido como mera extensão. Se o espaço não é nada mais que extensão, a geometria torna possível uma investigação científica do espaço físico. A Física que conhecemos hoje promove uma geometrização do espaço, cujas leis são expressas em fórmulas matemáticas. Contudo, nós não nos relacionamos geometricamente com o espaço físico em nossa vida cotidiana, mas sim como um sistema de referências a partir do qual orientamos nossas ações. Quando estou em meu quarto e vou à cozinha, não me oriento a partir da distância metrificada entre os dois cômodos. Compreendo o que é quarto e o que é cozinha a partir de um contexto remissivo e me direciono a alguns dos cômodos em função de determinado para-quê.

Com isso, a investigação do espaço e de nossa relação com ele deixa de ser reduzida a referenciais teóricos quantitativos. O que diferencia os diferentes corpos e os diferentes ambientes não são apenas suas medidas geométricas. A diferença é de ordem qualitativa, uma vez que os diferentes corpos estão inseridos em contextos remissivos diferentes, o que convoca possíveis lidas utensiliares.

Em suma, o autor reconhece que o ser humano se insere no mundo da vida não de maneira teórica, mas em uma lida operativo-prática, isto é, em uma relação de familiaridade com os utensílios, o que permite uma lida irrefletida com eles. Não há uma relação utensiliar com objetos isolados, mas, ao contrário, tal relação só é possível quando tais objetos estão inseridos no interior de um contexto remissivo. A dimensão espacial do mundo da vida não se constitui através da constatação de um conjunto de substâncias isoladas e com uma extensão e formas determinadas, mas consiste em um sistema de referências a partir do qual nos orientamos. A constituição pré-teórica do espaço é também formada remissiva e conjunturalmente.

Embora *Ser e Tempo* não faça menção à expressão mundo da vida, seu horizonte de análise é também um âmbito pré-científico, que, por sua vez, é abordado através do método fenomenológico (Stein, 1971). Ainda que conjuntura e contexto remissivo não sejam conceitos husserlianos, Blankenburg os menciona para tratar da alteração da inserção do ser humano no mundo da vida, tema que dá origem ao presente artigo.

Pensamento Desorganizado e Remissão

Blankenburg chama a atenção para a expressão “descarrilamento” (*Entgleisung*), expressão usada na psiquiatria para descrever uma das formas possíveis

de pensamento desorganizado:

No início, não apenas o leigo, mas frequentemente também o especialista mal sabe distinguir de forma clara se a transgressão a essas regras do jogo é consequência de uma travessura (no caso de um adolescente, por exemplo) - ou seja, sem que se tenha danificado a capacidade de perceber essas regras e de cumpri-las - ou se já está agindo aí um enfraquecimento dessa capacidade com o respectivo significado patológico. Se o primeiro corresponde às crises maturativas do desenvolvimento normal, como se delineiam claramente no caminho desde a puberdade até o encontro da autonomia (a maioridade), então o último significa um “desvio” dessa via de desenvolvimento, uma concepção expressa pela primeira vez no trabalho clássico sobre a hebefrenia de Hecker. Chega-se então a descarrilamentos que não representam fenômenos de transição, mas ao contrário, uma ruptura no desenvolvimento. A expressão gráfica “descarrilamento” diz mais do que poderia dizer qualquer termo abstrato. Os trilhos dos quais ocorre o descarrilamento são, em primeiro lugar, as vias que Straus chama de “axiomas do mundo cotidiano”.⁴ (Blankenburg, 1971/2013, p. 182-183, tradução nossa)

As formulações de Bleuler a respeito da esquizofrenia dão prevalência ao pensamento desorganizado (Andreasen, 1979; Hart & Lewine, 2017), explicado a partir da cisão (*Spaltung*) das faculdades psíquicas, cisão que é descrita como aspecto essencial do transtorno. O autor afirma que há um afrouxamento da associação de ideias resultantes da cisão e descreve de que modo os diferentes complexos passam a se arranjar e se relacionar entre si. Uma forma possível de manifestação é o pai que acha que é a mãe de seu filho, ao se substituir palavras que possu-

⁴ Versão em espanhol: “Al principio no solo el lego, sino que a menudo también el especialista apenas sabe distinguir en forma clara si la transgresión a estas reglas de juego es consecuencia de una travesura (en el caso de un púber, por ejemplo) - vale decir, sin que se hubiera dañado la capacidad de percibir esas reglas y de cumplirlas - o si ya está actuando ahí un debilitamiento de esta capacidad con el respectivo significado patológico. Si lo primero corresponde a las crisis madurativas del desarrollo normal, como se perfilan claramente en el camino desde la pubertad hacia el encuentro de la autonomía (la mayoría de edad), entonces lo último significa un ‘salirse’ de esta vía de desarrollo, una concepción expresada por primera vez en el clásico trabajo sobre la hebefrenia de Hecker. Se llega entonces a descarrilamientos que no representan fenómenos de transición, sino al contrario, un quiebre en el desarrollo. La gráfica expresión ‘descarrilamiento’ dice más de lo que podría decir cualquier término abstracto. Los rieles desde los cuales se produce el descarrilamiento son en primer lugar las vías que Straus llama ‘axiomas del mundo cotidiano’” (Blankenburg, 1971/2013, p. 182-183)

em sons semelhantes, ou um paciente que acha que molhar o fio da costura com a boca é como mandar beijos (Bleuler, 1911/1950).

Nancy Andreasen (1979) aponta que a formulação bleuleriana carece de uma definição mais precisa, o que resulta em conceituações diversas e em avaliações pouco confiáveis. Com base em uma série de relatos de pacientes, cujas entrevistas foram gravadas em fitas, a autora propõe um conjunto de definições para os comportamentos linguísticos observados. Ela descreve o descarrilamento do seguinte modo:

Um padrão de fala espontânea em que as ideias saem do rumo para outro que é claramente, mas obliquamente, relacionado, ou para um que é completamente não relacionado. Coisas podem ser ditas em justaposição que carecem de uma relação significativa, ou o paciente pode mudar de forma muito peculiar de um quadro de referência para outro. Às vezes, pode haver uma conexão vaga entre as ideias; em outras, nenhuma será aparente.⁵ (Andreasen, 1979, p. 1319, tradução nossa)

Ainda que não afirme que haja representações intrapsíquicas que se associem habitualmente entre si de um determinado modo, a noção heideggeriana de remissão e a noção bleuleriana de associação de ideias procuram dar conta do mesmo fenômeno. A noção de “associação de ideias” é a mesma de Freud, uma vez que a psicanálise é um referencial decisivo para as descobertas de Bleuler. No entanto, o paradigma do filósofo alemão é distinto, pois algo como representações intrapsíquicas é impensável na analítica do *Dasein*. O que está em jogo para o autor é que um objeto não é inteligível de maneira isolada, mas é necessário um contexto remissivo determinado. A constituição do contexto remissivo permite que se diferencie dois gestos semelhantes, como o mandar beijos e o molhar o fio da costura, uma vez que há situações em que mandar beijos é um gesto coerente, enquanto em outras, soa inadequado. Do mesmo modo, os papéis sociais estabelecidos pelo modelo de família nuclear burguesa, que sempre foram obedecidos por determinado grupo familiar, permitem distinguir quem é a mãe e quem é o pai, algo que foi alvo de confusão na anedota de Bleuler descrita acima.

Eugen Bleuler indica que uma das fontes do afrouxamento da associação de ideias é a falta de um objetivo, de modo que ele deixa de prestar atenção

naquilo que deve ser considerado, para se perder em associações secundárias. Se o paciente não mantém o objetivo de um pensamento retido em sua mente, padrões associativos não habituais e em sua aparência ilógicos podem acontecer. Em geral, a pessoa não presta atenção em eventos externos que exigiriam sua atenção (Bleuler, 1911/1950, p. 355-362). Em sua descrição, Nancy Andreasen (1979) também aponta a perda de um objetivo, mas reconhece que, ao se perder, o sujeito pode se dar conta e retornar ao assunto; entende-se, portanto, que isso ainda pode ser considerado descarrilamento.

O contexto remissivo em que o objeto aparece deve ser entendido em relação ao respectivo para-quê (*Wozu*) (Heidegger, 1927/2012, p. 237). No caso do martelo, o martelar ocorre em função de determinada finalidade, como pendurar o quadro na parede. Um para-quê determinado remete a outros: penduro o quadro na parede para decorar a casa, decoro a casa para receber visitas e assim por diante. A noção de conjuntura se refere às possibilidades situadas em determinado contexto remissivo. Essas possibilidades, por sua vez, articulam o conjunto de remissões em uma determinada ordenação. Quando sofro um acidente e passo a andar de muletas, um contexto remissivo distinto vem à tona: por exemplos, quais trajetos não possuem escadas e não são tão esburacados, na medida em que preciso me locomover para determinado lugar; ou quando estou com medo, passo a reparar em estímulos potencialmente ameaçadores e possíveis pontos de fuga, justamente para me proteger da eventual ameaça. Diferenciar o gesto de mandar beijos não se trata de uma mera identificação indiferente, mas há para-quês em jogo; posso retribuir o gesto de mandar beijos, algo que não faria sentido caso a pessoa na verdade estivesse molhando o fio da costura.

Uma descrição fenomenológica da noção de pensamento desorganizado deve abarcar os existenciais conjuntura e contexto remissivo. Essa cadeia não consiste em representações mentais, mas no modo como o mundo se constitui, tornando algo adequado ou não ao contexto (o que inclui o para-quê correspondente). A inserção da pessoa com esquizofrenia no mundo da vida é caracterizada por uma desorganização do contexto remissivo, o que resulta em comportamentos caracterizados por confusão, como os descritos por Bleuler.

A Falta De Habitualidade Com As Regras Do Jogo

A noção de regras do jogo procura dar conta do que foi descrito acima a respeito de contexto remissivo e da conjuntura. Por exemplo, em um jogo de cartas, é necessário o entendimento do papel que cada número e cada naipe tem no jogo para tornar possível a performance da atividade. A habitualidade com o

⁵ Original em inglês: A pattern of spontaneous speech in which the ideas slip off the track onto another one that is clearly but obliquely related, or onto one that is completely unrelated. Things may be said in juxtaposition that lack a meaningful relationship, or the patient may shift idiosyncratically from one frame of reference to another. At times, there may be a vague connection between the ideas; at others, none will be apparent (Andreasen, p. 1319)

jogo de cartas implica uma lida irrefletida com o conjunto de regras. Um bom jogador de poker é aquele que não precisa refletir a cada jogada sobre o que cada carta representa, dado sua familiaridade com os símbolos. Além disso, há uma série de padrões em um jogo que, ainda que não constituam suas regras formais, são decisivos para uma boa expertise: um bom jogador é aquele que sabe o momento mais propício de aumentar a aposta ou mesmo de blefar. Em outras palavras, é aquele que consegue se orientar bem no espaço do jogo. Por outro lado, aquele que joga pela primeira vez e, portanto, não possui habitualidade com o jogo, precisa prestar mais atenção nas regras para conseguir jogar, e é mais suscetível de ser enganado nos blefes do jogador adversário.

Se a vida cotidiana é caracterizada por regras de jogo, na esquizofrenia ocorre um estranhamento de tais regras. Ainda que não consiste em um ganhar ou perder, quando conversamos com alguém desconhecido, temos uma noção de quais comportamentos são inadequados ao contexto; do mesmo modo, sabemos que não se deve andar no meio de uma avenida, mas na calçada; em um jantar formal, comemos com talheres, mas não com as mãos e assim por diante. No entanto, não são regras necessariamente rígidas: conversar com uma pessoa desconhecida em uma festa ou em um funeral implica comportamentos inadequados diferentes; em uma celebração como a *Parada LGBT* é permitido andar no meio da Avenida Paulista; ao pedir uma pizza para comer com os amigos, é comum comer seu pedaço com as mãos. Em todos os exemplos acima citados, são espaços qualitativamente diferentes, sua diferença não está situada apenas em determinadas medidas espaciais; há um contexto remissivo determinado e ações correspondentes, que tornam algo adequado ou não; do mesmo modo, em todos eles, o tido como inadequado é determinado por comunidades específicas, ou seja, os contextos descritos são intersubjetivamente constituídos.

Duas famosas anedotas de Ludwig Binswanger (1956/1977) ajudam a ilustrar tal abandono: o pai que dá de presente de aniversário para a filha com câncer um caixão, e o rapaz que usa um pedaço de carne destinado à sua alimentação para refrescar a cabeça careca. Ainda que uma pessoa prestes a morrer precise de um caixão para ser enterrada, não é adequado trazer esse tema à tona em um aniversário; do mesmo modo, ainda que um pedaço de carne seja eficaz em refrescar a cabeça, esse alimento lhe foi oferecido para sua alimentação. O próprio autor identifica na remissão (*Verweisung*) um referencial analítico que torna inteligível tal inadequação quando tematiza a excentricidade.

Blankenburg (1971/2013, p. 182) chama a atenção para manifestações mais sutis que revelam a falta de habitualidade com as regras do jogo, ao invés de exemplos onde a inadequação é mais chamativa. São comportamentos caracterizados por uma falta de tato

inofensiva e por inadequação, o que poderia ser entendido como uma brincadeira, e erros que se manifestam em relações humanas e em relações com as coisas. Contudo, ele não dá exemplos. De qualquer modo, são nos espaços das pequenas rotinas da vida cotidiana que ocorre essa alteração; no entanto, ainda que pequenas, são muito presentes, de modo que essa transformação altera significativamente a orientação no mundo da vida.

Anne Rau evitava contato com pessoas de sua idade, conversar sobre sexualidade com outras garotas ou participar de bailes. No que diz respeito à sexualidade, existe uma série de insinuações de duplo sentido e formas de agir, cuja familiaridade com as regras do jogo correspondentes permite maior facilidade em lidar com o tema. Por exemplo, quando estamos interessados sexualmente em uma pessoa que conhecemos pouco, em muitos espaços não falamos isso diretamente a ela, mas há um complexo jogo do flerte; no que se refere ao baile, há padrões de vestimentas específicos, modos de interagir com as outras pessoas presentes, um jeito de dançar correspondente a cada gênero musical, e assim por diante. Se mesmo um adulto não diagnosticado com esquizofrenia pode ter dificuldade com os contextos descritos, na experiência da perda da evidência natural é ainda mais difícil.

Por vezes, Anne diz se sentir infantil, além de ter se queixado em uma situação de que “tudo é muito adulto para mim” (Blankenburg, 1971/2013, p. 112). Ela diz que, para conseguir falar sobre sexualidade com outras garotas, participar de bailes e outras coisas semelhantes, é necessário antes ser verdadeiramente adulta (Blankenburg, 1971/2013, p. 97). Do mesmo modo que uma criança não tem tanta facilidade quanto um adulto para agir conforme as regras do jogo, o mesmo ocorre com Anne, mesmo quando ela se torna uma mulher adulta. É mais aceitável que uma criança aja de maneira inadequada do que um adulto; inclusive, quando um adulto age de maneira inadequada, é possível que alguém fale: “pare de ser infantil!”. A seguir, uma passagem do relato de Anne que ilustra melhor esse caráter infantil:

“E tudo isso era novo para mim, era totalmente novo para mim. No negócio era igual. Como as pessoas se comportavam assim, como elas realmente viviam! Não é nenhum conhecimento. Não se pode ver e compreender tão facilmente. É provável que seja primeiro com os pais - sim, provavelmente com os pais - com quem se deve estabelecer primeiro um vínculo, ter um vínculo com uma pessoa que se entenda. Mas isso não deve significar que não se supere os pais. Essas são as coisas simples que uma pessoa simplesmente precisa para poder viver...” (E antes?). “Antes eu era uma criança. Então eu conseguia. Simplesmente aprendia

e era tratada como uma criança; nada chamava então a atenção. Mas agora...” “Se agora não acontecer nada, também não conseguirei nada. De outro modo, perco além disso os poucos conceitos que tenho e me transformo em criminosa...”⁶. (Blankenburg, 1971/2013, p. 111, tradução nossa)

As queixas de se achar infantil são entendidas por Blankenburg não apenas como um recurso expressivo para descrever a perda da evidência natural, pois o autor aborda temas do campo da psicologia do desenvolvimento em sua análise (Blankenburg, 1971/2013, p. 208-227).

Blankenburg aponta que pessoas com esquizofrenia – pelo menos em suas manifestações oligossintomáticas – dão a impressão de ser muito lentas em todos os seus comportamentos, o que lembra pacientes epiléticos. Eles também se fixam acentuadamente em detalhes com a finalidade de tornar mais precisos os seus comportamentos, diminuindo a chance do erro, o que lembra os obsessivos (Blankenburg, 1971/2013, p. 186). A dimensão tácita do mundo da vida – aquilo que Anne se queixa de não ter – permite que nossas ações ocorram com certa fluidez, não sendo necessário certa lentidão e o apego a detalhes em ações simples. Retomando o exemplo do jogo de cartas, alguém que está aprendendo um jogo novo, pode agir de maneira lenta e refletir muito para fazer cada uma das jogadas; no entanto, a cada nova partida, a tendência é que a habitualidade com o jogo aumente. A habitualidade tornada possível pelo tempo dedicado a determinada atividade ocorre com mais dificuldade em Anne, o que a faz se sentir sempre infantil.

A falta de habitualidade com as regras do jogo também se revela na queixa de Anne a respeito de nunca conseguir terminar nada. Por exemplo, atividades práticas como lavar louça e bordar:

Se devemos fazer um trabalho em conjunto, eu não suporto por muito tempo. Não consigo. Por exemplo, lavar louça (*Abwaschen*): a dificuldade que isso implica, o que é essa dificuldade para mim. Como dizer isso? Eu não faço isso com evidência. Isso me desconcerta de alguma forma. E tenho que me forçar a isso e, então, me

destruo interiormente. E isso me esgota tanto. É assim com todos os trabalhos. Quando bordo, por exemplo: eu apenas realizo o trabalho, e é só uma coisa, e, no entanto, não estou totalmente lá. E se não tenho força física, nenhuma força, então eu desabo. (Muito desesperada:) Então eu já não posso continuar fazendo isso (referindo-se não apenas à respectiva atividade especial, mas simplesmente ao fato de continuar existindo). (Blankenburg, 1971/2013, p. 191, tradução nossa)⁷

Uma atividade à qual Anne se detinha exaustivamente é a respeito de qual vestido convém para determinada situação, de modo que ela procurava identificar por qual razão determinado gênero de vestido seria conveniente ou não, e nunca conseguia concluir satisfatoriamente essa atividade. Assim, uma atividade que pode passar despercebida, ou não incomodar tanto, para Anne se apresentava como um grande problema.

Blankenburg aponta que esse nunca conseguir terminar nada ocorre tanto do ponto de vista externo, quanto do ponto de vista interno. Ela não consegue terminar atividades práticas, para as quais é necessário um esforço de natureza diferente que a destroça internamente e que a deixa cansada, mas, também, questionamentos a respeito de impressões cotidianas para os quais nunca consegue obter uma resposta. Vestir-se para sair era uma ação (“externa”) que ela não conseguia efetivar, mas também envolvia perguntas (“internas”) que ela não conseguia responder: ela se questionava exaustivamente sobre aspectos de um vestido que o tornam adequados para sair. Anne é perturbada por perguntas que passariam despercebidas por outras pessoas, justamente porque, para elas, as respostas são dadas previamente e de maneira evidente. Trata-se de uma distinção que é necessário cuidado, pois a fenomenologia não mantém a distinção tradicional entre interno e externo, tal como formuladas por autores como Descartes e Locke; tanto o interno e o externo a que Blankenburg se refere estão situados na espacialidade da pessoa com esquizofrenia, o interno não é uma dimensão a parte e alheia ao espaço.

Ela aponta que “uma pessoa saudável enfrenta um problema e depois pode seguir com outro”⁸ (Blankenburg, 1971/2013, p. 186, tradução nossa),

⁶ Versão em espanhol: “Y todo eso era nuevo para mí, era totalmente nuevo para mí. En el negocio era igual. ¡Cómo se comportaban así las personas, cómo ellos vivían verdaderamente! No es ningún conocimiento. No se puede ver y comprender tan fácil. Es probable que sea primero con los padres -sí, probablemente con los padres- con quienes uno debe establecer primero un vínculo, tener un vínculo con una persona, a quien uno entienda. Pero eso no debe significar que no se supere a los padres. Esas son las cosas simples que una persona sencillamente necesita para poder vivir...”. (¿Y antes?). ‘Antes yo era una niña. Entonces lo lograba. Simplemente aprendía y era tratada como una niña; nada llamaba entonces la atención. Pero ahora...’. ‘Si ahora no sucede nada, tampoco podré lograr nada. De otro modo pierdo además los pocos conceptos que tengo y me convierto en criminal...’”. (Blankenburg, 2013, p. 111)

⁷ Versão em espanhol: “Si debemos hacer un trabajo en conjunto, yo no lo resisto mucho tiempo. No me resulta. Por ejemplo lavar: la dificultad que ello implica, lo que es para mí esa dificultad. ¿cómo decirlo?. Yo no lo hago con evidencia. Eso me desconcierta de alguna manera. Y tengo que obligarme a ello y entonces me destruyo interiormente. Y eso me agota tanto. Es así en todos los trabajos. Cuando bordo, p. ej.: yo solo efectúo el trabajo, y es solo una cosa, y, sin embargo, no estoy del todo ahí. Y si no tengo fuerza física, ninguna fuerza, entonces me hundo. (Muy desesperada:) Entonces ya no puedo seguir haciéndolo’ (refiriéndose no solo a la respectiva actividad especial, sino simplemente al hecho de seguir existiendo)”. (Blankenburg, 1971/2013, p. 191)

⁸ Versão em espanhol: “una persona sana afronta un problema y luego puede seguir con otro” (Blankenburg, 1971/2013, p. 186)

algo que ela não consegue fazer, por mais simples que possa parecer. Esse “não conseguir terminar” não é algo que, ao se deparar com outras exigências, fica em segundo plano. Ao escolher um vestido para sair, outras preocupações podem vir à tona, de modo que a preocupação com a escolha do vestido deixa de ser tão prioritária. A facilidade com que as pessoas passam a se preocupar com novos problemas, deixando outros para trás, é algo que surpreende Anne, pois é algo que ela se vê incapaz de fazer.

Retomando a comparação com jogos, na medida em que não estamos habituados às regras do jogo, mesmo que realizemos uma jogada bem-sucedida, ainda nos perguntaremos: “Por que essa foi uma boa jogada?” ou até mesmo “Eu realmente fiz uma boa jogada?”. Enquanto não me habito às regras, essas perguntas vêm à tona, pois, sem respondê-las, não consigo me tornar alguém habituado ao referido jogo. Afinal, não faz sentido disputar partidas que você sempre ganha, mas não está certo do porquê. Nesse exemplo, ainda que do ponto de vista “externo”, houvesse uma resolução, uma vez que consiste em uma jogada bem-sucedida, sem se habituar às regras do jogo, continua-se a perguntar sobre aspectos do jogo que permanecem incompreensíveis.

Há uma série de outros relatos que descrevem a experiência da perda da evidência natural. Wilhelm G., outro paciente de Blankenburg, afirma: “eu estou muito aberto, e isso psiquicamente me consome”⁹ (Blankenburg, 1971/2013, p. 193, tradução nossa) e sente como se fosse uma caixa de papelão virada do avesso. Anne, por sua vez, afirma que “as impressões estão me causando dor novamente”¹⁰ (Blankenburg, 1971/2013, p. 196, tradução nossa). Nesses exemplos, os pacientes fazem uso de metáforas para descrever sua experiência: relatam a impressão de estar muito abertos, de ser uma caixa virada ao avesso e de conceitos que causam dor. Em todas elas, revela-se um sofrimento muito particular diante da falta de habitualidade em relação ao mundo, no caso, ao se sentir exposto e vulnerável diante do mundo, mesmo diante de situações consideradas inofensivas, como impressões cotidianas, conceitos óbvios ou até perguntas extremamente simples que fracassam em ser respondidas.

Em um jogo, a falta de habitualidade com as regras não se trata de uma mera constatação, mas implica em certo estado afetivo. Do mesmo modo, há outras situações nas quais não estou habituado, como em uma festa onde não conheço ninguém ou em uma visita a alguém internado na UTI; nessas situações, posso me sentir muito desconfortável, mesmo que ninguém tenha me tratado mal ou que nada de grave tenha acontecido. No entanto, ao acabar a partida, eu retorno a atividades com as quais estou mais habituado, como conversar com colegas, lavar a

louça ou mesmo ir para a minha casa. Por maior que seja meu esforço em realizar essas atividades, sei que, ao terminar, há outras coisas com as quais tenho uma relação diferente. A evidência natural implica em um estado afetivo que torna possível certa familiaridade ao mundo, de modo a realizarmos atividades cotidianas de maneira irrefletida. Na experiência da esquizofrenia, há um estado afetivo distinto daquele com o qual as pessoas sem esquizofrenia estão habituadas; nela, mudar de atividade não é suficiente para restaurar o senso de familiaridade em relação ao mundo. Em quase todos os âmbitos da vida, há essa estranheza de base, na qual a pessoa fica exposta e vulnerável diante do mundo, o que justifica sensação de ser uma caixa virada ao avesso e as impressões causarem dor. Nesse sentido, a evidência natural torna possível uma espécie de proteção em relação ao mundo.

A perda da evidência natural implica em uma desorientação diante de coisas óbvias, de modo que o autor chama a esquizofrenia de uma psicopatologia do senso comum (Blankenburg & Mishara, 2001). “É o sentimento pelas coisas que me falta, por exemplo, os conceitos de estar doente, de sofrer; mas não só conceitos tristes, mas também: alegria, saúde, ser idoso, etc. Esses conceitos me causam dano até que se esclareçam para mim”¹¹ (Blankenburg, 1971/2013, p. 196, tradução nossa). Ser doente, sofrer, sentir alegria, estar saudável e envelhecer são conceitos que constituem o senso comum, de modo que nos referimos a eles sem uma reflexão prévia minuciosa.

Impressões, conceitos e perguntas são elementos que compõem o senso comum; além disso, são constituídos em um contexto remissivo determinado e convocam uma lida utensiliar correspondente. Em outras palavras, estão inseridos em uma regra do jogo; não são fenômenos com os quais lidamos contemplativamente, mesmo se tratando de ideias, mas exigem uma lida operativo-prática da pessoa. Na medida em que há uma desorientação em relação às regras do jogo, há um esforço racional em reconquistar esse caráter tácito, que pode chegar ao ponto de se fazer perguntas estranhas e aparentemente infantis; no entanto, esse esforço fracassa em seu objetivo, mantendo a pessoa com esquizofrenia desprotegida diante de situações aparentemente inofensivas.

Esforço Pela Reconquista Do Caráter Tácito Das Regras Do Jogo

Isso é engraçado, porque está sempre antes do (antes do que o médico parecia querer perguntar). Muitas pessoas não sabem se vestir bem, sabem que não têm bom gosto, mas não se importam com isso. Isso está (para mim) antes do que falta a eles! ... É

⁹ Versão em espanhol: “Yo estoy muy abierto, y eso psiquicamente me consume” (Blankenburg, 1971/2013, p. 193)

¹⁰ Versão em espanhol: “la impresiones me están causando de nuevo dolor” (Blankenburg, 1971/2013, p. 196)

¹¹ Versão em espanhol: “Es el sentimiento para las cosas lo que me falta, por ejemplo los conceptos de estar enfermo, de sufrir; pero no solo conceptos tristes, sino también: alegría, salud, ser anciano, etc. Estos conceptos me causan daño hasta que se me aclaran” (Blankenburg, 1971/2013, p. 196).

mais ou menos como sentir essa necessidade na vida. Então você simplesmente a tem. Então você pode juntar tudo (o que não sabe exatamente). Então nada mais importa tanto. Então você pode criar uma conexão com os outros e um espaço onde tudo acontece naturalmente. Então você consegue se encontrar. Então é natural e óbvio. (Desesperada:) Você realmente é incapaz de viver se isso faltar. Você realmente não consegue passar por isso!¹² (Blankenburg, 1971/2013, p. 189 – 190, tradução nossa)

Blankenburg chama a atenção para o “antes do que” (“*vor dem*” (Blankenburg, 1971/2012, p. 108) da passagem acima. De acordo com o autor, a referida antecedência é de ordem transcendental, ou seja, dos *a prioris*. Na vida cotidiana, justamente por se tratar de condições de possibilidade, são algo que “simplesmente se tem”; no caso de Anne, falta-lhe aquilo que é tácito aos outros e que eles possuem “antes do que” (*vor dem*). Com isso, o autor não dá a entender que ocorra uma supressão dos *a prioris*, mas uma alteração de ordem transcendental que impede a constituição da consciência natural (*natürlichen Bewußtsein*). O contexto remissivo e a conjuntura também são condição de possibilidade para a experiência da pessoa com esquizofrenia, mas há uma alteração na perda da evidência natural.

A não constituição da consciência natural implica uma relação com o mundo marcada não pela confiança, mas pelo estranhamento: “Não tenho nenhuma confiança na situação, porque não a sinto. Não sinto a necessidade dessa maneira. ‘Tem que aceitar como é’: não tenho nenhuma sensibilidade para isso. Assim é como tenho que compensar com ideias...”¹³ (Blankenburg, 1971/2013, p. 190, tradução nossa). As noções de perda do contato vital com a realidade e de racionalismo mórbido desenvolvidas por Eugène Minkowski ajudam a entender a passagem acima: na ausência do caráter tácito que torna possível a vida cotidiana, busca-se sua compensação através da reflexão. Retomando novamente o exemplo do vestido, Anne realizava um

esforço reflexivo para identificar um vestido adequado a determinados espaços; no entanto, sem um componente de ordem pré-reflexiva, todas as respostas que encontrar serão sempre marcadas por um caráter de falta de habitualidade.

Era comum Anne fazer muitas “perguntas estranhas” (Blankenburg, 1971/2013, p. 93); o irmão se queixava que precisava sempre repetir tudo para a irmã, como se ela fosse uma “menininha” que não entende coisas simples; ao voltar para casa no fim de semana, ela comentava de tantas perguntas e problemas que não conseguia superar. A noção de atitude interrogativa desenvolvida por Minkowski abarca esse fenômeno: diante da perda do contato vital com a realidade, busca-se compensar através de perguntas que são realizadas indefinidamente.

Ainda que Anne tivesse dificuldade com atividades práticas e situações sociais, ela sempre gostou muito dos estudos, uma atividade essencialmente reflexiva. Ela era chamada de dicionário ambulante no colégio por conta de sua facilidade em memorizar: diz que o estudo era algo que a entretinha (Blankenburg, 1971/2013, p. 40 - 41). Ela tinha facilidade com atividades teóricas, mas dificuldade com questões práticas e situações que demandem se relacionar com outras pessoas. Justamente as situações que mais demandam de Anne são aquelas que ela procura compensar através de perguntas, em uma atitude genuinamente reflexiva.

Outra forma de compensação é o esforço por dissimular a estranheza característica da perda da evidência natural. No caso de Anne, ela procurava agir com uma forçada desenvoltura, com a finalidade de se igualar aos demais (Blankenburg, 1971/2013, p. 93), ainda que se sentisse constrangida logo depois. Ao mesmo tempo que se esforçava para se impor diante dos outros, na juventude evitava contato com pessoas de sua idade (Blankenburg, 1971/2013, p. 97). Em seu esforço de fundamentação científica da psiquiatria, Binswanger (1956/1977) procura descrever através da *Daseinsanalyse* o chamado maneirismo, que corresponde a essa forçada desenvoltura que se observa em alguns pacientes. A seguir, uma passagem em que Binswanger descreve o maneirismo de Jürg Zünd:

Ele sabe muito bem que ‘na rua ele não anda com a mesma naturalidade das outras pessoas’. Ele tem ‘um grande interesse pelas outras pessoas, mas envergonha-se por causa deste interesse’. A consequência disso é uma postura estereotipada, contida, o contrário da despreocupação, pois ele precisava ‘corrigir’ de antemão toda impressão desfavorável causada nos outros. (...) Ele tem medo de que os outros percebam que é envergonhado, que isso possa ficar muito evidente e, de tanto medo, acaba por se tornar evidente, chama atenção como um comportamento desviante,

¹² Versão em espanhol: “Eso es justamente lo raro, que esto este siempre antes de aquello (aquello por lo cual parece preguntarle el médico). Muchas personas no saben como vestirse, saben también que no tienen gusto, pero no se alteran por ello. ¡Eso ubica (para mí) antes de lo que (vor dem) les falta a ellos! ... ¡La cosa es más o menos así: que esta necesidad solo se percibe en la vida misma! Se la tiene simplemente. Entonces uno se lo puede explicar (todo lo que uno no sabe con exactitud). Y entonces ya nada importa tanto. Luego uno puede crear vínculos con los demás y un área donde todo funcione por sí mismo. Y entonces uno puede adecuarse. Y todo se hace natural y evidente. (Desesperada:) Uno es realmente incapaz de vivir cuando falta ese. ¡Realmente uno no lo logra!” (Blankenburg, 2013, p. 189 – 190).

¹³ Versão em espanhol: “No tengo ninguna confianza en la situación, porque no la siento. No siento la necesidad de esa manera. ‘Hay que tomarlo como es’: no tengo ninguna sensibilidade para ello. Así es como tengo que compensarlo con ideas...” (Blankenburg, 1971/2013, p. 190).

esquerdo, de modo que a gente se sente muito antipático e, ‘de preferência, gostaria de desaparecer em um buraco de terra’. ‘Eu procuro disfarçar esse medo através de reações bruscas, para dissimular essa incômoda fraqueza psíquica – o que só me joga cada vez mais para trás e me coloca em contradição com o mundo que me cerca. E, relacionado a isso está o medo de ser ridículo’. (Binswanger, 1957/2009, p. 25)

Na medida em que Jürg Zünd não está habituado às regras do jogo da vida social, ele procura mimetizar esse domínio que não possui; desse modo, seus gestos soam artificiais, o que pode chamar a atenção de outras pessoas. Diante do olhar dos outros, ele procurava a todo tempo se corrigir, de modo a minimizar a impressão desfavorável causada nos outros.

O que é decisivo no fenômeno do maneirismo é a dimensão intersubjetiva do eu empírico, uma vez que somos passíveis de sermos observados e, consequentemente, julgados por alguém; ainda que Binswanger não faça menção à obra de Sartre, trata-se daquilo que é abarcado pela sua noção de “ser-para-outro”. A necessidade de uma forçada e estereotipada desenvoltura surge em decorrência de não revelar a própria fragilidade aos outros.

Se, por um lado, a perda da evidência natural implica uma atividade reflexiva a respeito de impressões evidentes, sendo uma possível manifestação às perguntas estranhas de Anne, por outro, pode envolver um esforço por dissimular sua estranheza através do maneirismo. Na medida em que a alteração da inserção de Anne no mundo da vida é caracterizada pela falta de habitualidade com as regras do jogo, o que implica não conseguir compreender suficientemente ideias simples e cotidianas, a natureza dessa inserção é também marcada por um esforço racional em reconquistar uma compreensão adequada e habitual desse contexto remissivo ou por uma performance que procura mimetizar uma desenvoltura com as regras do jogo que não possui. A falta de habitualidade com as regras do jogo é antes caracterizado por um estranhamento com essas regras e menos por um desconhecimento delas; por exemplo, não que Anne não saiba o que é um baile, mas não está habituada a esse espaço. Não conseguir se habituar com as regras da vida cotidiana, algo que parece óbvio aos outros, deixa Anne transtornada e a faz se sentir infantil. Na medida em que esses esforços nunca conseguem conquistar a evidência natural que está ausente, Anne sempre se encontra desprotegida no mundo da vida.

Considerações Finais

Ao fazer menção à categoria nosológica de esquizofrenia, é importante ter em vista que não é algo

imediatamente evidente à intuição. O que hoje se chama de esquizofrenia diz respeito a um padrão de comportamentos e de vivências correspondentes delimitado por uma formulação conceitual específica, que pode variar de autor para autor. Karl Jaspers (1910/1997) é bastante preciso ao afirmar que os diagnósticos psiquiátricos tratam de tipos ideais, mas não de doenças cerebrais. Além disso, o conceito de esquizofrenia possui um desenvolvimento histórico: enquanto Emil Kraepelin a entendia como uma demência que se manifesta precocemente na vida do indivíduo, Eugen Bleuler (1911/1950) a identificou como uma cisão das faculdades psíquicas. No interior da psicopatologia fenomenológica, Eugène Minkowski e Ludwig Binswanger foram os primeiros a realizar uma descrição fenomenológica da esquizofrenia (Tamura & Messas, 2023), de modo que seria impossível que Wolfgang Blankenburg formulasse, sem eles, o conceito de perda da evidência natural.

A presente exposição buscou apresentar a análise da subseção A do capítulo VIII da obra *A perda da evidência natural: uma contribuição à psicopatologia oligossintomática da esquizofrenia*, intitulada “A relação com o mundo” (*Das Weltverhältnis*). Trata-se de uma análise semelhante à realizada por Ludwig Binswanger no texto *Três formas da existência malograda: extravagância, excentricidade, maneirismo*, ao falar da excentricidade. A análise realizada por Ludwig Binswanger do fenômeno da excentricidade esquizofrênica (Tamura & Messas, 2023) faz menção ao mesmo existencial descrito por Wolfgang Blankenburg, no caso, a remissão (*Verweisung*) (Heidegger, 1927/2012, p. 231-249).

Com a noção de regras do jogo, Blankenburg consegue descrever de modo unitário o aspecto espacial da existência humana que é alterado na esquizofrenia. Se, por um lado, há uma rede remissiva que caracteriza os diferentes aspectos de um jogo, por outro, só é possível apreendê-los em ato, ou seja, jogando. A perda da evidência natural é caracterizada pela falta de habitualidade com as regras do jogo da vida cotidiana, resultando em um esforço reflexivo para compensar essa falta. Essa análise permite entender a aparente falta de tato e os comportamentos tidos como estranhos observados em muitos pacientes, mas também uma aparente desorganização que se manifesta em seus comportamentos e em seu discurso. Essa desorganização deve ser entendida como uma falta de habitualidade com o espaço contextual, de modo que há uma tendência a agir de maneira descontextualizada; a habitualidade com as regras do jogo do espaço é buscada por um esforço reflexivo, ainda que este sempre fracasse. Em outras palavras, por pensamento desorganizado, entende-se uma não familiaridade à dimensão contextual da vida, a qual pode resultar em uma experiência descontextualizada.

Ainda que o presente artigo realize uma reconstrução de uma subseção de uma obra publicada na dé-

cada de 1970, é importante questionar se a formulação de Blankenburg possui relevância para o debate contemporâneo no campo da saúde mental. No presente artigo, defende-se sua contribuição para uma adequada delimitação do conceito de transtorno formal do pensamento ou pensamento desorganizado. No DSM-5, a “desorganização do pensamento (discurso)” (APA, 2014, p. 88) é definida como um dos cinco domínios cuja alteração caracteriza os transtornos do espectro da esquizofrenia. No entanto, não há uma definição clara do que caracterizaria essa desorganização, define-se apenas que ela é inferida do discurso, ainda que essa inferência seja bastante questionada (Andreasen, 1979; Chaika, 1982; Hart e Lewine, 2017).

A análise fenomenológica realizada por Louis Sass e Josef Parnas (2003) permite uma definição mais precisa da noção de pensamento desorganizado. Os autores descrevem a esquizofrenia a partir de dois conceitos: hiperreflexividade (*hyperreflexivity*) e diminuição da autoafetação (*diminishment of self-affectation*). De acordo com eles, enquanto grande parte do comportamento humano ocorre automaticamente e de forma inadvertida, na hiperreflexividade esquizofrênica, elas se tornam tema de reflexão. Do mesmo modo, na medida em que a autoafetação é um importante ponto de ancoragem de nossos comportamentos cotidianos, uma vez que ela os orienta – quando estou com fome, procuro comer; quando estou com medo, procuro fugir –, a diminuição da autoafetação implica na desorientação típica do pensamento desorganizado. Com isso, ao invés de se orientar a partir de sua própria autoafetação, a pessoa se desorganiza com aquilo que vem à tona na hiperreflexividade. Ao nosso ver, trata-se da mais importante contribuição contemporânea da psicopatologia fenomenológica para o tema da esquizofrenia. Ainda que se aborde formulações diferentes, sem a noção da perda da evidência natural, não seria possível falar de hiperreflexividade e diminuição da autoafetação enquanto componentes da experiência de esquizofrenia (Sass, 2001).

Referências

- American Psychiatric Association. (2014). *Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5* (M. I. C. Nascimento et al., Trans.; A. V. Cordioli et al., Rev. técnica, 5ª ed.). Artmed. [recurso eletrônico]
- Andreasen, N. C. (1979). Thought, language, and communication disorders. I. Clinical assessment, definition of terms, and evaluation of their reliability. *Archives of General Psychiatry*, 36(12), 1315–1321. <https://doi.org/10.1001/archpsyc.1979.01780120045006>
- Binswanger, L. (1977). *Três modos da existência malograda: Extravagância, excentricidade e amaneiramento*. Zahar Editores. (Trabalho original publicado em 1956)
- Binswanger, L. (2009). *O caso Jürg Zünd*. Escuta. (Trabalho original publicado em 1957)
- Blankenburg, W. (2012). *Der Verlust der natürlichen Selbstverständlichkeit: Ein Beitrag zur Psychopathologie symptomarmer Schizophrenien*. Parodos Verlag. (Trabalho original publicado em 1971)
- Blankenburg, W. (2013). *La pérdida de la evidencia natural: Una contribución a la psicopatología de la esquizofrenia* (O. Dörr & E. Edwards, Trans.). Ediciones Universidades Diego Portales. (Trabalho original publicado em 1971)
- Blankenburg, W., & Mishara, A. L. (2001). First steps toward a psychopathology of "common sense." *Philosophy, Psychiatry, & Psychology*, 8(4), 303–315. <https://doi.org/10.1353/ppp.2002.0014>
- Bleuler, E. (1950). *Dementia praecox or the group of schizophrenias*. International Universities Press. (Trabalho original publicado em 1911)
- Casanova, M. (2017). *Mundo e historicidade: Leituras fenomenológicas de Ser e Tempo: Volume um: Existência e mundaneidade*. Via Verita.
- Chaika, E. (1982). Thought disorder or speech disorder in schizophrenia?. *Schizophrenia Bulletin*, 8(4), 587–594. <https://doi.org/10.1093/schbul/8.4.587>
- Ghaemi, S. N. (2009). Nosologomania: DSM & Karl Jaspers' critique of Kraepelin. *Philosophy, Ethics, and Humanities in Medicine: PEHM*, 4, 10. <https://doi.org/10.1186/1747-5341-4-10>
- Hart, M., & Lewine, R. R. (2017). Rethinking thought disorder. *Schizophrenia Bulletin*, 43(3), 514–522. <https://doi.org/10.1093/schbul/sbx003>
- Heidegger, M. (2012). *Ser e tempo* (F. Castilho, Trad.). Vozes. (Trabalho original publicado em 1927).
- Husserl, Edmund. 2012. *A crise das ciências europeias e a fenomenologia transcendental: uma introdução à filosofia fenomenológica*. Rio de Janeiro: Forense universitária. (Trabalho original publicado em 1936)
- Jaspers, K. (1997). *General psychopathology: Volumes 1 and 2* (J. Hoenig & M. W. Hamilton, Trans.). Johns Hopkins University Press. (Trabalho original publicado em 1910)
- Merleau-Ponty, M. (2018). *Fenomenologia da percepção* (C. A. Moura, Trad.; 5ª ed.). Editora WMF Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1945)
- Minkowski, È. (1989). *La esquizofrenia. Psicopatología de los esquizoides y los esquizofrénicos*. Editorial Paidós. (Trabalho original publicado em 1927)

- Saito, Y. (1991). The transcendental dimension of “praxis” in Husserl’s phenomenology. *Husserl Studies*, 8(1), 17–31. <https://doi.org/10.1007/BF00204916>
- Sass, L. A. (2001). Self and world in schizophrenia: Three classic approaches. *Philosophy, Psychiatry, & Psychology*, 8(4), 251–270. <https://dx.doi.org/10.1353/ppp.2002.0026>
- Sass, L. A., & Parnas, J. (2003). Schizophrenia, consciousness, and the self. *Schizophrenia Bulletin*, 29*(3), 427–444. <https://doi.org/10.1093/oxford-journals.schbul.a007017>
- Stein, E. (1971). Introdução ao método fenomenológico heideggeriano. Em M. Heidegger, *Sobre a essência do fundamento. A determinação do ser do ente segundo Leibniz. Hegel e os gregos* (pp. 7–26). Livraria Duas Cidades.
- Tamura, J., & Messas, G. (2023). Esquizofrenia em Eugène Minkowski e Ludwig Binswanger: Sobre a perda do contato vital com a realidade e a excentricidade. *Revista Psicopatologia Fenomenológica Contemporânea*, 12(1), 52–73. <https://doi.org/10.37067/rpfc.v12i1.1137>
- White, J. (2021). Context (Zusammenhang). Em M. Wrathall (Ed.), *The Cambridge Heidegger Lexicon* (pp. 188–190). Cambridge University Press.
- Wrathall, M. (2021). Affordance (Bewandtnis). Em M. Wrathall (Ed.), *The Cambridge Heidegger Lexicon* (pp. 31–33). Cambridge University Press.
-
- Jordy Sartori Tamura** - Rua Barão de Tefé, 37, apto 43A, 05003-040 jordytamura@yahoo.com.br
- Guilherme Peres Messas** - R. Jaguaribe, 155 - Vila Buarque, São Paulo - SP, 01224-001
-
- Data da submissão: 25/09/2024
Primeira decisão editorial: 02/11/2025
Aceite para publicação: 09/12/2025